

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Serra do Cipó/Minas Gerais Transcrição de entrevista		
Entrevistado: Alexandre José de Assis	Data: 01/04/2011	Ocupação: Restaurador, integrante quilombola de Cubas
Município: Conceição do Mato Dentro		Distrito: Sede
Equipe técnica Entrevista: Andréia Ribeiro Produção de vídeo: Ricardo S. G. Transcrição da entrevista: Aline Pinheiro Brettas		Duração: 55 minutos Mídia: Divx, arquivos em Mp4
Observação: as falas destacadas em itálico foram proferidas pela entrevistadora.		

- *Qual o seu nome?*

- Alexandre José de Assis. Moro na Rua Chiquita Tomé, número 88, Vila Caetano, Conceição do Mato Dentro.

- *Quantos anos?*

- Tenho 35 anos.

- *Profissão?*

- Sou restaurador, preservador de patrimônios históricos.

- *E, qual que é a sua inserção, envolvimento no meio cultural do município de Conceição?*

- Eu participo de diversos conselhos no município. Hoje eu trabalho zelando na área desse patrimônio da Igreja Matriz, é..., e como um todo, o patrimônio da paróquia. Hoje eu sou uma pessoa responsável pelo patrimônio da paróquia, pela preservação desse patrimônio. Dentro do município, eu faço parte do conselho de patrimônio, né, que eu tô sempre auxiliando as secretarias de cultura, e no próprio município, em ambas coisas dentro do município, na preservação né, nas restaurações desses bens, que a gente tem. E na paróquia eu faço parte do CPP, Conselho Pastoral Paroquial. Então, além de trabalhar na preservação dos patrimônios da paróquia, também participo das festividades, né? Sou um colaborador na paróquia, no Jubileu, que tem 223 anos já, que ele acontece, na Festa de São Sebastião também, que já tem aproximadamente uns 100 anos, né, tem a Festa do Rosário, que também é uma festa com mais de 200 anos também. Sou um uma pessoa que tô sempre contribuindo com os festeiros, com as pessoas. Por ser uma festa muito cheia de folclore, de atrações dentro dela, então é

uma festa muito complicada. Então, esse é o meu trabalho aqui em Conceição. Na comunidade Cubas, onde eu fui nascido e criado até os 15 anos de idade, também sou uma pessoa líder, nas questões de levar benefícios para aquela comunidade, né? Que é, correr atrás das questões pra poder tá arrumando uma estrada, é a luz que chegou recentemente. Então você tem que tá sempre empenhando para levar algo pra aquela população. Hoje a comunidade de Cubas mora ao lado da comunidade do Buraco, que é uma...100% quilombolas; e esse pessoal são muito assim: deixado, sem assistência quase nenhuma. Então eu me vejo como um pequeno líder, tentando levar coisas que facilite a vida, o dia-a-dia dessas pessoas, nessas localidades.

- *Você mencionou que representa de certa forma, a comunidade de Cubas?*

- Sim.

- *E eu fiquei sabendo que a região de Três Barras, que envolve Três Barras, Cubas e Buraco, está em processo de reconhecimento como comunidades quilombolas. Você também participa desse processo de reconhecimento?*

- Participo. Vai ter, parece que um seminário lá em, aliás, uma audiência pública, lá na comunidade Três Barras, exatamente pra gente poder discutir e levar pra essa população dessas comunidades a importância, e qual que são os direitos que eles têm, né, que tão esquecidos por aí pelas autoridades, que não chegam até eles, né? Hoje a comunidade do Buraco vive quase praticamente quase sem estradas, não tem meios de comunicação, e a comunidade de Cubas na mesma situação, a luz, rede, chegou foi agora no fim do ano passado, e ainda até faltam algumas residências pra ser colocada, então são benefícios do governo que já eram pra ter chegado a essa população, pra que elas não saíssem do local, e mantessem ali, junto com os familiares aquilo que eles têm de tradição. Boa parte dessa população hoje foi embora. A comunidade do Buraco tá mais concentrada, mais unida, essa população trabalha nas fazendas em torno. Mas a comunidade de Cubas é, hoje, 80% dessa população foi embora pra fora em busca de emprego, devido, não ter essa assistência, né? A gente cultivava diversas coisas como a rapadura, a população plantava mandioca para extrair a farinha, a gente tinha plantio de pimenta, assim várias coisas. Na verdade, o sustento daquela comunidade, ele era todo retirado ali dentro mesmo, a gente só saía pra buscar fora só o sal, mas o restante todo a população trabalhava, mas devido as dificuldades de acesso, essa população começou a sair pra fora pra poder trabalhar. Eu mesmo, após os 15 anos, devido a essa dificuldade: a dificuldade de mão-de-obra. Então assim, mesmo, meus pais chegaram a ficar em dificuldade financeira, então eu tive que sair pra fora em busca de um futuro e que eu pudesse voltar praquela comunidade, dar a eles um conforto e resgatar aquilo que a gente

tinha de origem, de história, como as tradições nossas, que era as danças que a gente tinha, as festividades, hoje tá praticamente acabada, né? Então assim, a idéia é: resgatar aquilo que a gente tinha de gostoso no passado, que era as dança. A dança do Imbigo, a dança do pilão, voltar a fabricar rapadura, né? As festas que a gente tem lá, que é a Festa do Divino, a gente tem uma igreja antiga, feita pelos meus avós, né, toda pintada com argila, material da região. Então, a idéia é, até esse ano eu vou ser festeiro, então a idéia é regatar, tentar mostrar pra essa juventude, essa população nova que hoje tem na região, que nem conhece essa história do passado nosso, vê se a gente consegue devolver, mostrar pra eles esses trabalho, essas dança, essa rapadura que a gente produzia lá, ou seja, vê se a gente consegue voltar essa comunidade, por ela para tirar sua sobrevivência daquele local.

- Eu te pedi pra você explicar pra gente quais são as manifestações. Eu te pergunto agora, pra ser mais direta, citar pra gente, quais manifestações culturais, saberes, modos de fazer, né, que você sabe que existe aqui, no município como um todo, e também contemplando Cubas, teria como você citar?

- Olha, aqui nas comunidades né, temos na Tapera, temos o grupo da Pastorinha, né? É muito bacana, uma coisa assim rara, acho que são pouquíssimas, se não me falha a memória acho que tá sendo a única na região, porque quase ninguém nem conhece o trabalho das Pastorinhas. Temos também a Guarda no Córregos, que faz a apresentação na Semana Santa, também tanto de Córregos quanto Tapera também tem um pessoal que faz um trabalho muito bacana na Semana Santa. Aqui em Conceição nós temos o Jubileu, como já tinha falado, que é uma festa linda. Ela ultrapassa os limites da Diocese de Guanhães e até de Minas Gerais, né? Temos aqui uma população que passa do Brasil inteiro, que vem gente também da Bahia, vem do Rio, vem de diversos lugares, participar com a gente nessa festa, que começa, é do dia 12 de junho ao dia 24. Nós temos também no dia 1º de janeiro, também que é, parece que é quase o único aqui em Conceição né, porque normalmente eles comemoram no dia 1º de janeiro a virada do ano. E aqui não, a gente tem a Festa do Rosário, que é uma festa também antiga, com diversas atividades folclóricas, né, temos o pessoal dos negros, né, as negras que vão pra bater, tem toda história, né, um pouco também da questão da Igreja do Rosário, que é do ouro, da escrava, e aí diversos grupos folclóricos, como a Marujada, o Caboclo, inúmeras as festividades folclóricas que têm nessa festa de dia 1º de janeiro. No dia 20 de janeiro nós temos uma festa também que é tradicional em Conceição, que é a Festa de São Sebastião, do dia 11 ao dia 20, ela tem, também, hoje ela se tornou uma festa de Encontro do Concencionense Ausente, né, que é o momento que tá férias de escola, então a população toda de Conceição que tá fora, ela vem pra Conceição. Nós temos uma barraca que tem todas as

comidas típicas daqui da região: com leilões, bingo, é, muita atividade que a gente tem. Tudo isso acontece na Praça do Rosário. No dia 20, todas as fazendas da região, por São Sebastião ser um padroeiro do agricultor, das fazendas, todos doam galinha, porco, bezerro. Então a gente faz um curral enorme lá. Toda a população vai pra missa, que é de manhã, após a missa a gente serve almoço na barraca, né, a paróquia monta uma barraca enorme lá pras festividades do período do leilão, e aí para em seguida, ter o leilão de bezerro. Hoje já tem, faz uns 4, 5 anos mais ou menos, que nós até tiramos essa festa, devido a um acidente que aconteceu numa cidade, aqui da Diocese. A gente tinha o pau do sebo, que colocava lá em cima numa ponta de uma vara cheia de graxa, que é uma bandeira com um valor lá. Quem chegasse e pegasse era dono daquele valor, que aí ele recebia em dinheiro. Mas devido ser a área de pedra, então o perigo, o risco de um acidente, da pessoa escorregar, devido a uma quantidade de graxa é muito complicado. Então o Conselho da Paróquia achou melhor cortar isso, embora seja uma coisa tradicional, também antiga aqui nas festividades de Conceição, na Festa de São Sebastião. A gente tinha, além do pau do sebo, a gente tinha também: pegava uma leitoa, passava graxa nela e saltava no meio do povo. Então ao mesmo tempo que tinha gente correndo pra não se sujar de graxa, tinha gente correndo pra pegar essa leitoa, quem pegasse era dono, só que pegava e escorregava, aí virava uma coisa assim, uma coisa gostosa. Então no dia 20, essas festividades se estendiam ao longo do dia, encerrando à noite, como as outras, né, do Rosário, também que tem as festividades durante dia, em seguida tem o doce, também muito famoso aqui, o doce da Rainha e, são essas festas. A gente tem, no mês de julho tem a festa da Santana também, que já é uma festa também tradicional em Conceição, como leilões também, banda de música, né? É, temos também a Festa do Divino, que acontece também, aí já são datas variadas em Conceição, né, porque, por ser uma festa registrada, digamos assim, com muitos anos de acontecimento, e temos a Festa da Padroeira, que é Nossa Senhora da Conceição, também é uma festa que a gente tinha barraquinhas, leilões, mas devido ela ser no dia 08 de dezembro, dia da Nossa Senhora da Conceição, e muito próximo da festa do dia primeiro e da Festa de São Sebastião, então assim ficava muito acumulado com o grupo que dão apoio às festas na Paróquia.

A Festa da Nossa Senhora da Conceição acontece por ser festa da padroeira da cidade. Então é uma festa bem esquecida, porque ela hoje é fraquinha. Nós tivemos, até reduzimos um pouco da festa que tinha, no meio da novena, tinha barraquinha, leilão, devido às outras festividades, que com o número maior de pessoas, que era a Festa de 1º de janeiro e a de São Sebastião, então, retirou, acontece mais as festividades religiosas, num tem assim aquela festa

gigantesca, que deveria ser, aniversário da cidade e a festa da padroeira, então é uma coisa mais tranqüila, essa festa.

- *Além dessas que você mencionou existe mais alguma?*

- Aqui dentro de Conceição tem o dia de São Judas, que tem a Festa do São Judas, né, e nas localidades rurais cada, são me parece 27 comunidades rurais, cada comunidade tem um santo, um santo padroeiro. E no decorrer do ano, então, em datas variadas, acontece a festividade, em cada uma delas têm as festividades. E em alguns desses distritos, tem, eles têm suas tradições, suas danças, os seus grupos folclóricos, né, como é... Córregos tem uma banda de música, né, aqui em Conceição, a gente tem também além da Marujada, tem a banda de música “Lira da Paz”. Tapera também tem, além do grupo das Pastorinhas tem a Guarda Romana. São só esses grupos que gente tem aqui, os grupos folclóricos, né. Tem algumas bandas, tocam assim de música também, o pessoal, mas aí são coisas variadas, eles não têm assim como uma tradição de tocar direto, específico, né, o que toca mesmo assim, em datas específicas, todo ano seguindo isso, é mais a Banda “Lira da Paz”, que acompanha um pouco as festas, como o Jubileu, época de janeiro, a Festa de São Sebastião, tudo após a celebração, eles fazem apresentações na cidade, como a Marujada também.

- *E produções artesanais, assim, o quê que você acha que se destacam em Conceição?*

- Hoje em Conceição é..., o artesanato em couro, ele é uma coisa assim que ainda se destaca em Conceição. Nós temos aqui o bairro de Santana, que praticamente todas as famílias que moram no bairro, é...trabalham ainda ou trabalharam em couro, né? Fabricando tudo artesanalmente: sandálias, botina, diversos tipos de calçado. Ainda você encontra ainda várias casas que, dentro da residência mesmo, as pessoas estão costurando ou, em outra casa fabrica e leva para outra família que só faz a parte da costura, então assim tem essa parte do couro. Nós temos aqui pessoas que trabalham com artesanato com a madeira, que é um moço que mora aqui no bairro Rosário, que chama Preto. Ele faz cadeiras forradas com couro, ele torneia madeira, faz diversos tipos de artesanato, como os pequenos engenhos, pequenos monjolos, né. Uma diversidade de trabalhos artesanais que ele faz, que é muito bacana. Nós temos também outro artesão da madeira, que faz gaiolas, com varetinhas de madeira tipo jacarandá, braúna, também tudo artesanal, muito bem trabalhado. Temos as bordadeiras que faz crochê; em Conceição também já existiu aqui, uma pessoa que, muito querida por todos, e todos lamentam a falta que ela faz em Conceição, que era a Dona Nezinha, que era bordadeira do tricô, ela fazia todos os tipos de bordados, né, mas ela, graças à Deus deixou muitas pessoas hoje, muitas famílias ainda que fazem esses bordados em casa. Mas eles não fazem assim pra estar comercializando, devido, ainda falta um trabalho em relação pra esse

artesanato. De repente uma associação forte, onde pudesse ter uma loja pra poder colocar esses produtos, que aí incentivaria essas famílias voltar a produzir esse material, né, fazer um registro, né, dessas peças que eram produzidas aqui em Conceição. Nós temos aqui algumas pessoas que fazem o artesanato também na pedra sabão e, nós temos também o pessoal que estão trabalhando aí utilizando a fibra do bagaço pra fazer cestas, fazer alguns tipos de arranjo, né, tem também pessoas que ainda trabalham até hoje fazendo aquelas esteiras de banana, de dormir...assim, temos uma diversidade de artesãos, né, com diversos tipos de material, utilizando para fazer os trabalhos deles.

- Até agora você destacou mais o que tem dentro de Conceição, pegando o município num todo. Você nasceu na comunidade de Cubas e é um representante desta comunidade também. Você poderia destacar as manifestações especificamente de Cubas? O que tem e o que se perdeu?

- Hoje a comunidade de Cubas perdeu assim...é... eu até tou tentando, é...sou festeiro agora em 17 de julho, sou festeiro do Divino, né, que é o padroeiro da comunidade. Eu tou tentando ver se nessa festa eu consigo mostrar, é..., à população que foi na comunidade de Cubas, até mesmo parte da juventude dali daquela comunidade, que não presenciou uma coisa que a gente tinha muito gostosa: chamava “Dança do Imbigo”, né, onde meu avô ficava tocando uma viola, violão, ali perto de uma fogueira que a gente fazia. Primeiro, a gente reunia a família, toda a comunidade na igreja, rezava, né, aí fazia as novenas, e nas épocas no decorrer do ano, e em seguida a gente fazia uma fogueira, e aí fazia as...quitandas, é... a goma de mandioca, a goma de laruta, o bolo de fubá, então fazia aquele leilão, colocava numa vasilha e leiloava.

A gente pegava também uma coisa muito, assim a gente tem muita saudade, né, pegava os galhos de jabuticaba, ia amarrando bala nos cordão, e ficava como se fosse uma árvore que produzia, que dava tipo...as balas, né, e aquilo ali a gente arrematava pra dar pras meninas, e era uma coisa muito gostosa. E ainda então em torno da fogueira, a gente tinha meu avô tocando violão, meu pai pegava duas colher de sopa, né, colocava fundo com fundo, ele batia na palma da mão e na perna dele, sentado, e aí gerava um som. Meu avô com a viola, meu tio às vezes com um pandeiro, a gente improvisava algumas coisas de instrumentos que a gente criava na roça, e começava a dançar. Tinha a Dança do Imbigo, que era quando tava dançando em torno da fogueira e aí de repente ia num determinado momento, nas músicas que tava cantando, e aí dava uma imbigada no outro, e aí ficou conhecido como “Dança do Imbigo”. E tinha uma outra dança também que é tipo...

- *Essa dança do Imbigo, ela tinha uma data específica pra acontecer ou ela acontecia no decorrer do ano?*

- No decorrer do ano, assim naqueles momentos que a gente tava em torno da fogueira, né, aí meu avô, normalmente, era mais assim: quando era noite de lua, que além da fogueira, costumava depois que saía também, e meu avô muito alegre assim brincando, brincalhão né, aí chamava o pessoal, saía todo da fogueira, e acompanhava ele pelas estradas afora, porque, é...em torno da igreja morava meus pais, né, mais uma família, aí os outros tinham que sair pela estrada afora, tocando violão e saindo até uma certa altura, brincando, dançando, com a lua clara né, os meninos correndo, brincando na frente, gritando, brincando de esconder, e o pessoal atrás tocando violão, dançando, e toda aquela diversão, até, chegava no alto, parava pra contar papo, esse era um meio, atividades que a gente tinha nos fins de semana, né. E durante, às vezes durante o dia, no fim de semana, normalmente também diversas vezes a gente reunia. É, quando você tinha muito café para limpar, por exemplo, e...às vezes a gente costumava pegar, em vez de comprar a canjica pronta, então pegava o milho da canjica mas tinha que limpar ele pra tirar aquela pele. Então, as mulheres pegavam e iam no pilão, com duas mãos de pilão. Então começava, de acordo com uma batia, tirava, a outra batia – toc, toc, toc, toc – então, aí ficava a dança do pilão. E isso também, pra incrementar ali como fim de semana, num domingo ali, normalmente a gente pegava o fim de semana, e ia pra casa de um, de um parente, reunia todo mundo na casa do meu avô, ou na casa de um tio, e aí a gente começava a dançar, e ele com a violazinha dele lá tocando, e o..., aí a gente pegava o pandeiro ou até mesmo a colher e já ali já gerava uns instrumentos e a gente acabava fazendo essa dança do pilão, né? Que tava socando, as mulheres tava socando e ao mesmo tempo tava divertido, né, e era a Dança do Pilão, né, que é uma coisa típica da comunidade quilombola, que hoje também já foi uma coisa perdida, que se esqueceu. Se você for perguntar praticamente quase ninguém sabe te falar sobre, a respeito disso aí. E eu tenho assim um interesse muito grande em resgatar isso, né, porque hoje tudo o que você puder tá resgatando e...preservando isto nestas tradições, né. Acho que foi até isso que eu acabei, né, desde pequenininho, acompanhando meu pai e meu avô, que eram pessoas que trabalhavam na região restaurando fazenda, construindo casas. Então ali eles faziam o adobe, pra construir casas, fazia as casas de pau-a-pique, como minha casa na roça é até hoje de pau-a-pique, é, a gente tirava todo o material, a idéia era tirar dali, da região, pra fazer o pau-a-pique, vinha e barriava. As argilas, a gente tem diversas cores de argila na região. Então você sempre pintava a casa também com as argila, e... vivendo, morando, convivendo com isso aí no dia-a-dia, então acho que acabei trazendo isso pra dentro de mim e levando pra minha profissão, que

hoje é nas minhas preservações aí, nas pequenas reformas que eu faço. Então se eu chego na fazenda e ela tem pau-a-pique, então quero fazer pau-a-pique, se é adobe, quero então fazer de adobe, entendeu? Hoje até parece que tem cursos pra esse tipo de trabalho, mas eu assim, isso vem, vem do sangue, né, é da minha família mesmo. Então assim dentro de Conceição mesmo hoje, é uma luta, pra tentar manter isso, porque as pessoas querem retirar e fazer com as coisas modernas, e eu não, tenho que, quero, deixar um pedacinho, como eu tenho alguns pontos em Conceição de trabalhos que estavam acontecendo, eu cheguei e consegui, graças à Deus, fazer uma intervençãozinha no meio da obra, convenci o proprietário, falei – “não, vão fazer, vão fazer eu me disponho a vim fazer aqui, deixa do mesmo jeitinho, vai ficar bonitinho” – né, aí eu tenho que, aqui dentro da Igreja do Rosário, tem uma parte que se perdeu, do pau-a-pique, eu consegui restaurar, deixar tudo do mesmo jeito, né, tem uma residência aqui próxima da Matriz que também no meio da reforma, que veio tudo ao chão, as paredes de pau-a-pique, porque tava toda condenada, mas aí eu falei com o proprietário: “pode deixar que eu assumo a responsabilidade de entregar do mesmo jeito, sem cair” - então, é...tá prontinha lá hoje. A gente pode chegar ,lá vai ser uma lanchonete, mas que vai tá lá mostrando o sistema construtivo do pau-a-pique, do adobe, tudo isso, entendeu. Então acho que isso foi geração do meu avô, tradições da família. .

- *Você comentou que em Cubas - tinha, se perdeu - a Dança do Pilão, a Dança da Imbigada e atualmente acontece lá a Festa do Divino, que esse ano, por coincidência, você é o festeiro, o responsável em organizar. Além das manifestações que você citou pra gente, há alguma outra coisa em Cubas?*

- Não, são só essas aí.

- *Mas essas duas também se perderam, e você está buscando resgatar.*

- É, quero buscar, quero regatar. Além dessas danças, próximo à igreja, onde meus pais tinham um engenho gigantesco, aquelas rodas antigas, tocada à água, nas margens de um rio que a gente tem lá, então quero refazer isso aí, né. Hoje estou estudando meios, reunindo com meus irmãos, a gente vai refazer esse engenho, deixar ele funcionando junto com o moinho d'água, para que o turista, um dia, ou até mesmo pra família, porque a saudade é muita do engenho funcionando, do moinho funcionando, e essas mudanças aí, viver aquela vida que a gente tinha no passado, ou seja, transformar aquilo no que era no passado, você só ter que buscar fora o sal, entendeu. O restante tudo a gente produzir ali, e junto disso aí, pegar essas danças folclóricas aí que a gente tinha, pra que seja uma diversão de fim de semana naquela comunidade. Que a gente possa tá lá fora trabalhando, mas no fim de semana a gente ir curtir, e essa coisa bacana que é, quase a gente hoje não se vê falar que existe isso aí, eu quero, isso é

um sonho meu, quero realizar ele, entendeu, resgatando isso e mostrando, levando, passando pras gerações futuras, né?

- *Você comentou com a gente que é o festeiro da Festa do Divino. De forma bem sucinta, só pra gente entender um pouco dessa dinâmica do quê que seja essa função do festeiro: você como festeiro, quais são as suas atribuições, funções, responsabilidades, pra organização da festa, que acontece no dia 17 de julho?*

- Ela acontece em datas variadas, de acordo com o festeiro. Ele escolhe uma data, vai na paróquia e registra. Eu escolhi no dia 17 de julho devido férias de escola e tudo, e pra que, na verdade, como a gente quer tentar resgatar eu quero, hoje nós temos uma família enorme, e boa parte dessa população mora fora, em Belo Horizonte e outras cidades. Então, como é férias escolares, o encontro da família, né, trazendo todo esse pessoal da família que foi embora há anos, levar eles à comunidade. Uma, é pra matar a saudade, e outra, é pra gente tentar ver e mostrar pra eles – “olha, a gente tinha isso aqui, é patrimônio nosso, devemos trabalhar junto, vamos resgatar isso, vão botar isso pra frente, pra funcionar, não vamos deixar isso perder” – né, é uma preciosidade que nós temos. É...eu como festeiro, por exemplo, lá, não é comum, mas desde que se, quando, construiu essa capelinha que a gente tem lá antiga, na sede da fazenda, era comum, nas festas, você servir comida pra toda população que ia na festa, né, e em seguida o doce, né, e a gente leva todo ano a Marujada, que é ao lado lá da comunidade Três Barras tem uma marujada, a gente levava esse grupo de Marujada, de marujeiros pra lá, porque normalmente, as comunidades todas da região olham uma data, diferente da outra, porque como tá acontecendo a festividade numa comunidade, então as comunidades vizinhas todas vão pra aquele local comemorar com a gente. Então, o que tem lá na comunidade vizinha, que é na comunidade Três Barras tem Marujada, a gente já leva a Marujada pra lá, pra poder participar das festividades com a gente, então a função do festeiro é, organizar né, olhar as comida, doce, né, levar esses grupos folclóricos pra comunidade, fazer o receptivo da população.

- *E toda essa comida que é servida no período das festividades, é por meio de doação?*

- É...é uma coisa assim, porque se você for fazer sozinho é difícil; mas como é uma coisa religiosa, então, todo o uso, toda a população, eles contribuem, né, se você for, normalmente a gente usa fazer uma listazinha, é, com o timbre da paróquia, é, e aí sai pedindo e as pessoas ajudam. Então tem gente que doa um pouco de arroz, um pouco de feijão, né, uma lata de óleo, e a gente vai juntando isso, esses mantimentos que a população vai doando, né, e vai como o doce, por exemplo, muita gente vai dar um pouco de açúcar, isso, nas comunidades rurais vizinhas, entendeu, vai recolhendo laranja, mamão, vai recolhendo essas frutas. Esse

doce até era feito lá em casa, no engenho, então quando tinha engenho era tudo feito com rapadura, né, esse que é o gostoso. Hoje devido ao engenho não estar funcionando, então você que contratar esse serviço, né, num dá nem pra fazer esse tipo de trabalho não, que é recolher as frutas que tinham da região, e levar o doce pra fazer lá, e um pouco a gente vai fazer, que eu vou comprar rapadura e vou fazer, mas a idéia é botar o engenho a funcionar, pra que isso volte a merecer, né, então assim, a gente pegar ali e saía com os cargueiros né, nos burros arriado com balaio, e ia andando nas fazenda, fazendo os pedido. Normalmente você chegava à tarde, com três, quatro burros carregadinho de mamão, de laranja, e já contratava uma equipe ali que ficava específica pra fazer doce.

- *Você estava falando pra gente a questão de como arrecadar a comida, o doce...*

- Da comida e do doce, e o processo pra arrecadar alimentações pra comida e pra fazer o doce, né, qual é o processo disso aí.

- *E como que é a dinâmica da festa? Como acontece, quais os são os rituais que vão sendo feitos aos longo dos dias...*

- Ah, normalmente a gente faz uma novenazinha, no sábado, né, tem leilão, tem essa fogueira, que é onde aconteciam as danças, né, da região. E aí depois tem o levantamento do mastro, fogos, leilões, né. No dia seguinte, no dia da festa mesmo, aí gente tem, normalmente, na parte da manhã uma missa. Após a missa, serve o almoço, depois você dá o doce, e aí tem uma... têm as meninas que vão segurando o quadro, tem o cortejo, então assim, da igreja até a sede da minha casa, a gente tem uma área, então sai o cortejo, ele circula numa área lá, gramada, né, com a Marujada tocando na frente, aí vem as meninas com o quadro, então vai o Rei e a Rainha, com uma pessoa segurando o guarda-chuva também, ali participando deste cortejo. E atrás vem um padre, que normalmente um padre você já agenda antes, porque durante esse dia todo o padre fica normalmente na comunidade com a população. Após essa procissão, né, que é feita com a Marujada tocando, ela para um pouquinho, o pessoal canta, vai rezando, e o sino tocando, né? Aí quando chega na igreja, dá a benção final, aí as festividades já está encerrada.

- *Você falou do Rei e da Rainha, né? Eles são eletivos ou eles são perpétuos? Cada ano é um...?*

- Cada ano é um. Igual, esse ano por exemplo sou eu. Mas aí pro ano que vem a gente já tem umas três, quatro pessoas que quer ser festeiro, então normalmente vai um homem ou mulher, pega a festa, assume a festa. Esse ano é eu e minha vó, né, e no próximo ano a gente já tem pessoas que já deu o nome já, pra que eles querem fazer no próximo ano. E aí vai trocando, aí cada ano, você é festeiro, então você arruma as meninas que vão segurar o quadro, uma

pessoa que pode segurar o guarda-chuva, né, a menina que vai atrás segurando a capa, então você organiza o seu grupo pra participar da festa com você.

- *E nesse cortejo as pessoas que participam da festa e participam da Marujada? Tem mais algum outro grupo, sem ser a Marujada?*

- Não, normalmente só a Marujada que participa desse cortejo. Às vezes, quando tem festeiro que leva, né, um grupo de coral pra poder cantar, começando, por exemplo, a gente tem o coral do Divino, que eu tô querendo levar ele pra poder animar mais a festa, e estender as festividades. Mas não é... Normalmente, a população do lugar mesmo sempre têm umas moças, que vão, já ensaiam antes, e elas mesmo vão cantando e faz a parte que seria do coral.

- *E o coral do Divino é daqui da sede, de Conceição?*

- É daqui de Conceição.

- *Você citou pra gente “n” manifestações culturais, saberes, modos de fazer, tanto de Cubas, especificamente, como também do município de forma geral. Dentre esses, você saberia falar desde quando existem na região, na cidade? Poderia falar desse contexto de religião da cidade, você cita alguns?*

- Ah, são, as datas assim não lembro não. Mas todos eles são muitos antigos, né. Eles vêm acompanhando as festas, né, igual o do Rosário, por exemplo já tem uma festa que já foi tombada já. Então, desde a primeira festa, ela é típica de esses grupos de acompanhar, né? Esses grupos já existem desde o início da festa, que tem mais de 200 anos.

- *E, você sabe quem são os responsáveis por executar essas manifestações...?*

- Assim, os nomes não, cada grupo tem uma pessoa líder, mas assim, falar o nome das pessoas assim eu não vou saber te falar não. Porque assim eu conheço a população toda, mas assim, quando você chama – “ah nome de fulano” - conheço demais, sei quem que é, mas o nome assim mesmo (risos).

- *E qual a importância que você percebe pros moradores da cidade dessas manifestações, né, as celebrações, esses ofícios e modos de fazer, esses saberes, que são tradicionais aqui na cidade?*

- Muito bom, né, toda vez que você vê um grupo desse apresentando, um trabalho desse, tem sempre alguém ali alegre, porque fica encantado com aquilo ali, né? Acho que precisa mesmo é registrar, documentar mais isso, divulgar mais, pra não deixar perder e pra que a população futura conheça essas tradições, esses trabalhos aí, esses grupos que nossa região tem, né. Isso é falar da importância deles, né, as tradições que vêm do passado, então a gente tem que manter. Nós tamo numa cidade histórica, né, então, cheia de histórias, então essas histórias é importante que elas mantenham viva, né? É importante ter um trabalho aí, pra que cada grupo

desses puder enriquecer mais, fortalecer mais, isso é importante, né. É um trabalho até que eu venho conversando com a Graziela, que hoje é Secretária de Cultura, e a gente tentar encaixar dentro desses grupos folclóricos, né, pra gente ver meios que dê sobrevivência pra essa população, pra esses grupos, né? Porque uma das grandes dificuldades deles é assim: se mora na Tapera por exemplo, como vem fazer uma apresentação em Conceição. Muitas vezes ao longo dessa população, perder dia de serviço deles, deslocar, eles têm que tirar do próprio bolso, pra poder tá vindo fazer a apresentação, né. Acho que isso não é justo. Se no meio dos órgãos aí há tantos recursos, né, pra preservação, pra manutenção né, desses grupos folclóricos. Então a gente tá trabalhando isso dentro do Conselho de patrimônio, que seja repassar o valor, entendeu, que o Conselho de Patrimônio tenha o suporte, pra dar o suporte pra, pra esses grupos, né, pra que eles tenham o transporte digno, uma alimentação, pra eles fazer uma boa apresentação, né, numa outra festa, numa outra localidade, até pra apresentar isso, mostrar o quê que Conceição tem, de história, de beleza, né.

- Essas manifestações que acontecem: quais seriam o público, pra quem é feito, quem vem e prestigia, quem é que vem, usa e compra?

- Olha, essas manifestações é em geral. Você vê criancinha de colo, hoje, encantada quando ela vê instrumentozinhos tocando, né? Mesmo o adulto que já está idoso entendeu, fica também encantado, quem é, às vezes sai até com uma cadeirazinha senta numa esquina pra ver passando. Você sabe que vai passar e põe uma toalha, ele enfeita a janela, e fica ali de prontidão pra poder ver passar. Então ela atinge uma população geral: do mais velho ao novinho, né. Aqui na comunidade de Córregos tem a banda de música, lá. O ano passado eu fiquei encantado com uma criancinha, tava custando mudar o passo, mas aí quando ela viu a banda de música passando, então ela fez do mesmo jeito que o moço fez: fez com a mãozinha assim e começou a dançar. Achei aquilo, foi uma.... Olha só como que é, entendeu, ela ainda tá começando a ver as realidades da vida, e de repente encantou, assim, esse com certeza no futuro é uma pessoa que vai tá fazendo parte desse grupo, com certeza, ele quer ser um daqueles que está com instrumento ali, então ela atinge uma população geral.

- E como que você percebe que esses bens são produzidos e reproduzidos, a questão da sustentabilidade, né? Como que eles se mantêm, ao longo desses anos, né, cem, duzentos?

- Olha, isso aí, é..., eu acho que eles se mantêm por amor mesmo ali. Como eu te falei, na questão assim, de você ver uma forma de dar um suporte pra essa população, pra eles se manter e ter como apresentar, pois cada um tira de seu próprio bolso, da sua própria vontade de mostrar aquilo que eles sabem fazer. Então a sobrevivência desses grupos aí são de si próprio mesmo, aí acho que parte de dentro dele mesmo, né, assim como já tá no sangue - “eu

vou apresentar, eu vou à luta, eu vou apresentar”. Até porque eles não têm uma, assim uma parte financeira pra eles sobreviver e pra manter esses instrumentos, né? Quando você chega nesses grupos aí, os instrumentos estão tudo precário, entendeu, precisando de uma renovação, né? De repente precisando de uma, ter uma, alguém ali, um mestre, que saiba fazer aquilo, pra vim, dar pra eles um pequeno curso, olha e produz isso assim, entendeu, então falta isso, tem muita coisa a ser feita, pro que a gente consiga manter e preservar essas histórias, as memórias que a gente tem.

- *Você acabou tocando mais um pouco nessa questão de repassar. Igual você deu o exemplo da menininha acompanhando a banda, que provavelmente quando ela crescer vai prosseguir com isso. Que é um pouco essa questão de passar pra gerações futuras essas manifestações. Além desse ato você vislumbra mais alguma coisa, como que se dá esse processo de passar de gerações pra gerações?*

- Acho que a partir do momento que nós fortalecemos os grupos, dando a eles suportes, pra que eles consigam fazer mais apresentação, então automaticamente ele vai, é..., se fortalecendo, porque ele vai mostrando a importância dele, mais pessoas vão estar interessada, e aí sim, ele vai se ver, ele só vai crescer, né? Acho que esse é o ponto, né? Acho que o passo é assegurar, de forma que isso não se perca, dê a ele suporte pra sobreviver, e que...trazer eles mais, fazer mais apresentações, divulgar mais, entendeu, aí sim acho que isso só vai crescer, a gente vai conseguir, né, manter essa história aí, essa memória...

- *E quais as dificuldades, Alexandre, que você percebe, que esses grupos que promovem essas manifestações, esses saberes encontram, bem como pra dar continuidade?*

- A falta de recurso pra manter os instrumentos, fazer uma manutenção, a falta de recurso pra poder sair pra fazer uma apresentação: essas são as dificuldades que eles encontram, né? O transporte, né, você vai fazer uma viagem pra uma apresentação, uma alimentação...são as dificuldades que eles encontram, de se manter, é isso aí, né, até mesmo a divulgação desses trabalhos, pra que é...logo as pessoas, é...interessem a entrar e fazer parte desse grupo, né. Pra quando o idoso for né, ter alguém preparado pra poder tocar isso pra frente. Pra não correr o risco, né, de perder, né, igual nós perdemos na nossa comunidade.

- *E você vislumbra assim algumas soluções encontradas também pra superar essas dificuldades?*

- Ora, eu vejo como solução, é..., dentro do Conselho de Patrimônio, nessa preservação, hoje tem o ICMS que vai pros município, né, eu acho que os órgãos deveriam, pra...o próprio Ministério Público, deveriam ter, ter uma lei aí que exija que alguns dos municípios, já que isso é pra preservação da história, da memória, do patrimônio, que existe na comunidade,

dentro do município, que eles direcionem isso, entendeu, porque hoje a dificuldade encontrada é... Eu por exemplo, tenho mais de 15 anos que faço parte do Conselho de Patrimônio daqui da minha cidade, só que os prefeitos, você chega e explica pra eles que é importante fazer isso, porque eles aumentam a pontuação, ajuda aumentar até recurso pro município, só que eles não vê isso como uma coisa que tem que ser feita, como obrigação do município a fazer esse repasse e, utilizar esse recurso que vem pra preservação, pra manutenção desses instrumentos, desses grupos, né, até mesmo dando a eles um apoio pra eles fazer essas apresentações, né. Acho que precisava aí de uma coisa mais rígida, né, dentro de um município, de se criar uma lei, entendeu, obrigatório, entendeu, que tantos por cento desse valor seja repassado pra esse grupo, que o Conselho de Patrimônio direcione isso de uma forma correta, fiscalizada, com notas, a forma que isso vai ser gasto, né, que eles façam uma prestação de conta tudo direitinho, tudo certinho, entendeu, mas que o município dê a eles o suporte a esses órgãos, né, pra esses grupos, pra que eles consigam sobreviver, até mesmo estimular eles a ir pra frente, né, não deixar que isso se perca, né, que morra estas histórias e memória

- *Dentre essas manifestações que você comentou tem algum que você perceba que tem ameaça ou corre o risco de deixar de existir...como aconteceu lá no caso da Dança do Pilão, ou do Imbigo?*

- Tem. Aqui em Conceição mesmo a gente tem a..., os grupos de dança que apresenta a parte negra na Festa do Rosário, por exemplo, é, e um grupo só, muito sem apoio, entendeu. Falta acho que mais incentivo, de lutar. Porque as pessoas quando, as mulheres vêm vestidas de tipo, um pouco espírita, né, ali vestidas de caboclas, baianas, então assim muita gente tem um olhar como se essas as pessoas são espírita, que não deveria estar ali numa coisa religiosa. Então eu acho que precisa de um trabalho mais amplo, entendeu, de um esclarecimento que isso faz parte da cultura, daquele povo, né? É...que isso faz parte, tá dentro dessa celebração e da festividade do Rosário, por exemplo, esse grupo faz parte do início dessa história, no início da construção da igreja, que é feita pelos negros...Então, é esse o...faz parte dessa história, entendeu, acho que precisa trabalhar isso mais, divulgar isso mais, porque a população compreenda isso, entendeu, não, não veja isso com um outro olhar.

- *O grupo que você fala é o Grupo Aruanda?*

- É o grupo Aruanda.

Me falhou aqui a memória: tipo o pessoal que faz a dança do Candomblé, né, têm várias danças aí que é... faz parte dessa festividade religiosa.

- *Você fala dos grupos de uma forma geral? Não é um grupo específico?*

- Não, têm vários grupos aí que hoje não é visto assim. Pessoas que têm assim uma certa resistência, porque isso mexe com o centro espírita, o que é isso, entendeu, que tá misturado com a igreja. Têm pessoas ainda que têm esse olhar ainda meio crítico, meio...Se não tiver um cuidado com esses grupos, eles vão acabar perdendo, né, se perdendo dentro dessas festividades que faz parte dessa história.

- Tem algum comentário geral, ou comentários gerais, que você gostaria de fazer, que não foi perguntado aqui...?

- Eu acho que atendi todas as...acho que falei um pouquinho de tudo, um pouquinho da minha vida, um pouco da minha origem quilombola, do meu trabalho. Acho que atingiu tudo, nessa entrevista. Acho que a gente conseguiu atingir um pouquinho de cada coisa, que eu queria falar, né, das manifestações, do artesanato. Eu acho que falei um pouquinho de cada coisa, né? Então eu acho que tá tranquilo...

- Obrigada.

- De nada.